



Uma iniciativa inserida nas comemorações dos 10 anos da empresa

Antiga farmácia na Pousada de Viseu é agora loja de vinhos da Amora Brava

As instalações da antiga farmácia da Misericórdia, situada no atual edifício da Pousada de Viseu é agora loja de vinhos. A iniciativa é da Amora Brava, onde está exposto o seu portefólio de vinhos, com destaque para as marcas Psique e Índio Rei, mas também outros produtos, como um chocolate feito com Psique, mas também um espaço expositivo, com uma mostra de quadros de Remondes.

A abertura da loja insere-se nas comemorações do seu décimo aniversário da Amora Brava, que, assim, amplia a sua presença no mercado com a abertura do espaço na antiga farmácia do hospital de São Teotónio (da Santa Casa da Misericórdia), atual Pousada de Viseu, do grupo Pestana. Sob a orientação do enólogo Carlos Silva, os vinhos, notáveis, e produtos afiliados às marcas Psique e Índio Rei são postos à prova dos visitantes.

Para a Amora Brava, esta expansão ultrapassa a sua natureza comercial, configurando-se como um marco na sua trajetória de crescimento. A alusão à necessidade de 'pedalar' para manter o equilíbrio simboliza a filosofia da marca, caracterizada pela incessante inovação e busca por novos desafios.

"A proposta é oferecer experiências enológicas e culturais inéditas aos visitantes, enriquecendo Viseu não apenas com vinhos, mas com uma 'tapeçaria' de expressões culturais, literárias e artísticas", afirma Carlos Silva.

O espaço vai além da sua finalidade principal de exposição e loja de vinhos, transformando-se numa galeria de arte. A exposição permanente de Remondes, destacado pintor português residente em Paris, acrescenta uma dimensão cultural significativa ao projeto. Além disso, a literatura sobre a história da viticultura e a musicalidade, representada pelos discos de Cristina Branco, são harmoniosamente integrados neste ecossistema vinícola.

Quanto à oferta vinícola, a Amora Brava apresenta uma paleta diversificada. Desde os expressivos brancos aos Encruzados, incluindo o Índio Rei Reserva Branco 2020, aos vinhos tintos, com o imponente Índio Rei Grande Reserva 2015, que assume a posição de vinho paradigmático, a joia da coroa. Este vinho tem medalha de ouro no concurso Mundus Vini 2019, dupla medalha de ouro do Robert & Gailard 2023 e foi um dos néctares escolhidos por Maria João de Almeida para o seu livro "Os 100 Grandes Vinhos de Portugal".

Com este novo espaço de arte e cultura na cidade de Viseu, a Amora Brava convida os apreciadores a explorarem não apenas os vinhos, mas a sua rica história, proporcionando uma experiência singular a todos os conhecedores e entusiastas que a visitem.

Enólogo Carlos Silva e as alterações climáticas

Resgatar castas antigas "pode garantir" o futuro da viticultura na região do Dão

No Dão, uma das regiões vinícolas mais emblemáticas de Portugal, uma preocupação subtil começa a pairar sobre os produtores: as alterações climáticas. A viticultura ancestral enfrenta desafios contemporâneos, ao passo que as castas do Dão se veem confrontadas com as nuances de um clima em transformação. O que antes era uma harmonia entre a terra e a videira, está a tornar-se num desafio. Neste cenário, o futuro das castas do Dão ecoa como incerto, instigando a uma reflexão sobre a sustentabilidade, a adaptação e a preservação da riqueza genética das castas que há séculos estão adaptadas à região.

Numa conversa com o enólogo e consultor de vinhos Carlos Silva, a Gazeta Rural abordou a preocupante influência das alterações climáticas na região do Dão e as implicações diretas na produção vitícola. O enólogo destaca a necessidade de reavaliar as castas tradicionais, adaptando-as às novas condições climáticas, e resgatar variedades antigas para garantir a resiliência da viticultura na região.

Gazeta Rural (GR): Face às alterações climáticas, será necessário ajustar as castas do Dão? Considera viável resgatar castas antigas?

Carlos Silva (CS): Sem dúvida. O desafio que se coloca é compreender melhor a genética existente e utilizá-la de forma mais aprofundada. Isso resultará não só na melhoria dos nossos vinhos, mas também na elevação geral da qualidade

dos mesmos.

O Dão, ao explorar uma multiplicidade de sabores e perfis sensoriais, pode revelar-se mais rico. A adaptação a condições climáticas extremas exige a busca por castas resistentes ao stress hídrico e às variações térmicas. O obstáculo reside na falta de material genético certificado para a multiplicação das castas, um desafio antigo e persistente.

GR: O perfil dos vinhos do Dão não se reduziu demasiado às castas Touriga Nacional e Encruzado?

CS: É evidente que sim. Embora muitas regiões vinícolas se tenham afirmado através de uma casta específica, a limitação do Dão a poucas castas traz vantagens e desvantagens. Por um lado, quando se fala em Touriga Nacional ou Encruzado, logo se associa ao Dão, o que confere identidade. Por outro lado, em termos de património, ter uma diversidade de castas contribui para vinhos distintos e culturalmente ricos. A adesão à Comunidade Europeia simplificou a seleção de castas, mas as alterações climáticas estão a pressionar para uma revisão dessa abordagem.

GR: As alterações climáticas podem exigir uma mudança completa?

CS: Sem dúvida. A escolha de porta-enxertos resistentes, castas adaptadas ao terreno e a consideração de altitudes estratégicas são cruciais. A migração da vinha para áreas mais frescas é uma tendência global. As zonas quentes enfrentam desafios crescentes, desde a escassez de água até aos escaldões. As alterações climáticas estão a redesenhar o mapa vitivinícola e daqui a 50 anos a paisagem já não será a mesma. Este é um cenário que exige ação imediata e ponderada.

